

6. Tempo e espaço como reconfiguradores das noções de público e privado: o papel dos dispositivos móveis

João Carlos Sousa, Ricardo Morais & Hélder Prior

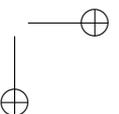
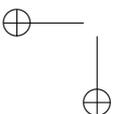
Resumo: A presente investigação tem como objetivo apreender as transformações ocorridas nas noções de público e privado, quotidianamente negociadas. Para tal, toma como ponto de partida as dimensões de tempo e espaço e o seu papel histórico na organização das sociedades em geral e dos quotidianos em particular. O modo como estas dimensões influenciam a utilização quotidiana dos dispositivos móveis constitui-se como o centro da pesquisa. Simultaneamente, problematiza-se o papel das tecnologias de comunicação na reconfiguração do tempo e espaço no quotidiano. Para levar a cabo este empreendimento, recorre-se maioritariamente a metodologias qualitativas, nomeadamente focus group, entrevistas individuais e observação etnográfica. A utilização dos diferentes dispositivos móveis de comunicação apresenta-se com bastante fluidez, quer em termos dos contextos quer das circunstâncias. Neste sentido, a utilização destes artefactos tecnológicos contribui decisivamente para uma forte e intensificada imbricação entre público e privado, que não obedece a uma rígida normatividade social.

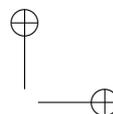
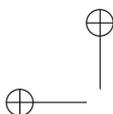
Palavras-chave: tempo-espaço, dispositivos móveis, modelos de utilização, interação social, quotidiano.

Introdução

A sucessiva introdução de novos artefactos tecnológicos nas mais diversas sociedades implicou, quase sempre, alterações na ordem social e política dominante até aí vigente. Este é de facto um domínio de análise relevante. Porém, também no plano quotidiano, das atividades diárias, a introdução de novas tecnologias teve consequências. Estas assumem um diversificado leque de mani-

Público e privado nas comunicações móveis, 123-140





festações, podendo destacar-se como transversais às sucessivas melhorias na qualidade de vida das populações em que são introduzidos esses artefactos.

Dito isto, foi desígnio da humanidade, em termos genéricos, mitigar a distância que os homens têm entre si, quer em termos espaciais, quer temporais. Se, numa fase anterior, o telefone fixo se constituiu como uma importante ruptura em relação às comunicações de longa distância então dominantes (ex: telégrafo), mais recentemente o telemóvel adquiriu um relevante papel nas sociedades contemporâneas que é difícil de igualar, permitindo a comunicação instantânea e dispensando a copresença.

Centrando a nossa atenção no telemóvel¹, é notório que o uso deste artefacto se massificou e atravessa hoje classes, estratos sociais, sexo e idade, bem como diferentes estatutos profissionais.² Contudo, não podemos olhar para essa utilização como sendo homogénea. O presente trabalho tem precisamente esse objectivo: caracterizar e definir tipologias de uso do telemóvel, de forma a podermos lançar as “pontes” para futuras investigações, que centrem os seus esforços no impacto que as novas tecnologias de comunicação têm nas relações sociais em copresença.

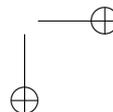
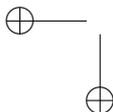
Uma nota final para realçar que, no decorrer da exposição e desenvolvimento teórico, vamos recorrer a passagens originárias de um *focus group*,³ realizado no âmbito do projeto “Público e Privado nas Comunicações Móveis”, de forma a ilustrar o périplo teórico empreendido⁴, mas também ao já

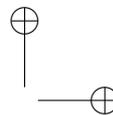
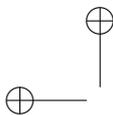
¹ Ao longo da presente pesquisa, vamos utilizar sempre de modo indiferenciado os termos “telemóvel”, “smartphone” e “dispositivos móveis”, embora existam diferenças tecnológicas e funcionais entre os conceitos.

² Neste aspeto, recorremos a dados recentemente recolhidos através da aplicação de um inquérito por questionário realizado no contexto mais amplo do projeto de investigação “Público e Privado nas Comunicações Móveis” desenvolvido no LabCom/UBI. Neste inquérito apurou-se, por exemplo, que o envio de pequenas mensagens de texto é uma das funcionalidades preferidas dos inquiridos (83% entre os homens e os 86,1% de mulheres).

³ Referimo-nos a cinco grupos de discussão: 3 adolescentes (masculino, feminino e misto); 1 misto sénior e 1 misto de licenciados. O período de implementação compreendeu 12 Dezembro 2013 a 25 Fevereiro de 2014 e ainda um *focus group* exploratório.

⁴ Os momentos de recolha de dados foram realizados no âmbito do projeto de investigação “Público e Privado nas comunicações móveis” desenvolvido no Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online.





mencionado inquirido por questionário – “Privacidade e Dados Pessoais”⁵ – e ainda aos dados recolhidos no contexto da observação etnográfica.⁶

Tecnologia móvel como potenciador da fluidez entre tempo e espaço no quotidiano

Retrospetivar o longo percurso da narrativa humana implica necessariamente um importante esforço teórico e concetual no que diz respeito à abordagem da própria evolução da produção técnica e tecnológica das diferentes comunidades. Das mais rurais às mais urbanas, todas as sociedades tiveram necessidade de incrementar o desenvolvimento técnico e tecnológico, o que lhes permitiu afirmar a supremacia num determinado território.

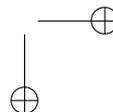
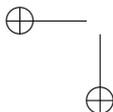
Independentemente dos fins, a corrida ao desenvolvimento tecnológico foi desde sempre uma prioridade basilar na organização política, social e religiosa das diferentes sociedades. A vantagem ou a desvantagem civilizacional esteve linearmente relacionada com o domínio tecnológico de um povo sobre o outro. Foi também neste campo que se jogou uma cartada importante, na Europa em particular, e no mundo em geral, na segunda metade do século XX, aquando da Guerra Fria, nomeadamente na segunda metade do século XX, no âmbito da indústria do armamento.

Por conseguinte, é sob este espectro que Anthony Giddens (1990/2005) dá ribalta à obra *As Consequências da Modernidade*, na qual se debruça sobre as grandes transformações estruturais que têm afetado o processo de modernização e a aceleração da globalização, tanto das comunicações como das trocas e transações comerciais e financeiras.

Daqui surge um diversificado conjunto de autores, em que destacamos o já supramencionado Anthony Giddens (2005), mas também Ulrich Beck (1986/2006), autores que registam a emergência de novos desafios à própria

⁵ Inquirido composto por 29 questões, com um período de aplicação de aproximadamente 3 meses (10 Março 2014 a 11 Junho 2014), em que foram recolhidos e validados 208 inquiridos no total.

⁶ Este momento de pesquisa assenta na sucessiva e reiterada incursão dos investigadores do referido projeto na observação em dois espaços distintos: praça da restauração do Serra Shopping-Covilhã (inclui esplanada); além do bar da Biblioteca Central da Universidade da Beira Interior. Foram realizadas observações de forma sistemática (diariamente) ao longo do mês de Setembro de 2014 no primeiro espaço; no segundo foram realizadas duas incursões numa fase inicial e mais duas como forma de teste à grelha que orientou a observação.

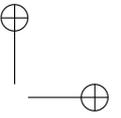


condição humana e ao normal desempenho das atividades quotidianas. De acordo com estes autores, um importante fator que imprime o caráter descontínuista às sociedades contemporâneas é a intensificação dos fluxos de reflexividade social nas práticas e interação social. É precisamente este processo que é assinalado pelo autor alemão.

“À transição autónoma, indesejada e imperceptível da sociedade industrial para a sociedade do risco chamamos *reflexividade* (de modo a distingui-la e a contrastá-la com a noção de *reflexão*). Então, a “modernidade reflexiva” significa” autoconfrontação com os efeitos da sociedade de risco, efeitos esses que não podem ser resolvidos nem assimilados pelo sistema da sociedade industrial, nem medidos pelos modelos institucionalizados desta última” (Beck, 2000: 6 *itálico e aspas do original*).

Estamos, com efeito, num contexto de permanente autocrítica, que resulta essencialmente do desenvolvimento técnico e científico em permanente diálogo com as estruturas sociais vigentes. Numa outra obra, Ulrich Beck (2006: 259) argumenta que o desenvolvimento técnico e científico tende a transformar-se em contraditório, dado que, se, por um lado, provoca a resolução de alguns riscos, por outro, leva à emergência de novos. Este processo resulta da já referida autocrítica, na qual o conhecimento científico anda de “mão dada” com a tecnologia, transformando atividade e interação social. Esta premissa surge em clara oposição à ideia de que os perigos nas sociedades pré-modernas emanavam de entidades externas como deuses e a natureza.

A redefinição dos perigos dá-se num contexto de forte revolução tecnológica e científica, onde a ciência acaba por desempenhar esse papel dual, de causa e também de solução para os emergentes riscos. Beck (2006: 259 a 264) identifica quatro eixos basilares em todo este processo: o primeiro passa pela generalização da ciência e, com ela, das exigências de racionalidade científica; um segundo passo consubstancia-se numa crescente desmonopolização do conhecimento científico; em terceiro lugar, e a jusante dos dois primeiros, temos o avançar do conhecimento científico nas esferas pública e política, tornando maior a consciencialização dos perigos; finalmente um quarto domínio resulta da exacerbação do legado racionalista da ciência e que se repercute numa espécie de autocrítica do próprio empreendimento científico. Este trajeto permite-nos perceber que a tecnologia e a emergência da modernidade reflexiva andam de mão-dada nas sociedades contemporâneas.

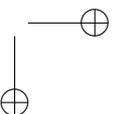
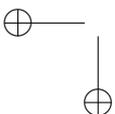


Este processo constitui-se como a “força motriz” da fase reflexiva das sociedades contemporâneas. É nestas circunstâncias históricas que emerge o ambiente de incerteza, na medida em que este detém uma forte componente de construção social. A este propósito Anthony Giddens (2005: 87 e 88) identifica os grandes domínios de incerteza nas sociedades atuais: primeiro, o já mencionado risco nuclear; o aumento de acontecimentos contingente, isto é, que ocorrendo num local têm implicações à escala global; a crescente alteração da natureza em ambiente criado ou a natureza socializada; a cada vez maior cobertura do conhecimento científico em detrimento das certezas (absolutas) da religião e/ou da magia; profusão do conhecimento relativamente a determinados riscos; consciência das limitações dos sistemas periciais.

O resultado destas mudanças estruturais não passa, única e exclusivamente, por alterações no domínio dos grandes sistemas sociais, mas apresenta um diversificado conjunto de implicações no domínio mais íntimo da atividade social e de cada um dos atores. Estes são marcos da mudança social que resultam de alterações macroestruturais e que pautam o ritmo e a intensidade das sociedades contemporâneas, mas também dos próprios trajetos individuais. Aliás, esta é uma questão central na presente pesquisa. A problemática sobre a qual nos debruçamos pode ser elaborada em termos muito genéricos através das seguintes questões: como é que as tecnologias de comunicação móvel reconfiguram as noções de tempo e espaço? E de que forma estas alterações se expressam na renegociação quotidiana das noções de público e privado? Estas são apenas algumas das questões que nos vão guiar nas próximas secções da investigação.

Das transformações globais à redefinição das orientações individuais: o uso dos dispositivos móveis

O que tentámos sinalizar anteriormente foi a existência de uma disrupção entre a clássica organização moderna das sociedades ocidentais e as sociedades reflexivas. Se as primeiras estão sobretudo assentes no modelo de desenvolvimento industrial, as segundas pautam-se pelo forte incremento tecnológico, mormente das comunicações digitais, os pontos mais inóspitos do planeta. Deste modo, fica patente a relevância que é atribuída ao desenvolvimento tecnológico, enquanto elemento capaz de promover uma rutura, ainda que parcial, com o tipo de organização dominante e até aí vigente.



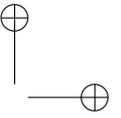
A atual fase da modernidade passa por uma crescente preponderância das tecnologias de informação e comunicação, as quais, entre muitas outras finalidades, possibilitam a interação social, dispensando a copresença ou interação *face a face*. O aparato tecnológico mais recente apresenta-se, à primeira vista, com inúmeras oportunidades de facilitação da vida quotidiana. Neste rol podemos incluir as TPC (tecnologias de comunicação portáteis) e como expoente máximo o telemóvel/smartphone, que, ao permitir uma fácil e rápida ligação, assegura ainda, mediante algumas circunstâncias técnicas⁷, o acesso permanente a determinada pessoa e também aos mais diversos conteúdos. Esta nova panóplia de possibilidades, além das vantagens facilmente identificáveis, tem também o outro lado, o das desvantagens.⁸ Uma face mais visível desta vertente passa pela intensificação e aprofundamento dos mecanismos de controlo e vigilância, além de potencialmente podermos assistir a um aprofundamento da interpenetração entre público e privado.⁹ Estes exemplos serviram fundamentalmente para ilustrar uma (nova) característica, que parece emergir nas sociedades contemporâneas. Esta passa essencialmente pela existência de um “novo mundo” cheio de novas oportunidades, mas também de modernos e renovados constrangimentos. É nesta linha de raciocínio que Anthony Giddens (2005: 87) identifica um conjunto alargado de transformações que ocorreram no enlace da modernidade reflexiva e que surgem como resultado das profundas alterações nas dimensões do que se convencionou como *público e privado*.¹⁰ O domínio privado vê-se, deste modo, como ponto de convergência de diversas influências. Desta forma, podemos identificar cinco aspetos paradigmáticos do que se está a verificar: 1.º Intensificação da relação entre tendências globais e a atividade local; 2.º A construção do *self* está crescentemente influenciada pela reflexividade da própria modernidade; 3.º Crescente centralidade da auto-realização, que assenta na abertura ao “outro”; 4.º O estabelecimento de novos relacionamentos é presidido pelo

⁷ Referimo-nos a limitações que dizem respeito à durabilidade da bateria e também à existência ou não de rede de cobertura do serviço de telecomunicações.

⁸ Esta questão será retomada nas secções subsequentes do presente ensaio.

⁹ Não desenvolveremos, aqui, no âmbito da presente pesquisa, estas questões, relacionadas sobretudo com a vigilância e o controlo eletrónico.

¹⁰ Mais sobre a relação entre estes dois conceitos no trabalho “A mudança estrutural do Público e do Privado”, publicado na pelos autores Hélder Prior & João Sousa, no Observatorio (OBS*) Journal. <http://obs.obercom.pt>.

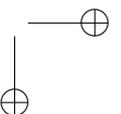
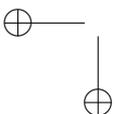


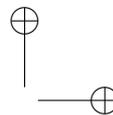
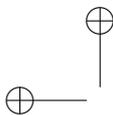
auto-desvendamento mútuo. 5.º Um crescente aproveitamento do circunstancialismo positivo da globalização no sentido da auto-realização.

Os dispositivos móveis, em geral, jogam um papel relevante nestes tempos de forte aceleração dos quotidianos. Contudo, não podemos ficar pelo perspetivar tecnológico. Do ponto de vista societal, quando consideradas as estruturas sociais mais gerais, mas também no plano da interação em contexto de copresença, verificamos uma forte imbricação mútua. As trocas entre indivíduos de diferentes pontos do globo intensificam-se, quer na sua componente quantitativa, quer em termos qualitativos. Não querendo atribuir a exclusividade da explicação para este facto, não podemos deixar de sublinhar que esta intensificação da interconexão entre o local e o global potencia a reflexividade social, a partir do acesso a novos conhecimentos, de origens muito diversas e distantes, por via dos dispositivos móveis. Esta procura é, em última instância, presidida por objetivos individuais, quer sejam eles de puro recreio, ou de satisfação de necessidades de índole instrumental ou de coordenação.

Esta *nuance* concretiza-se num espectro mais geral de incessante procura e valorização de aspetos que se prendem com a autorrealização e expressão da individualidade de cada ator. O telemóvel/smartphone, enquanto ferramenta tecnológica ubíqua dos quotidianos de muitos dos atores, constitui-se, deste modo, como meio para dar expressão a esses impulsos de carácter eminentemente individual. É neste contexto mais vasto que, nos últimos anos, temos assistido a um forte desenvolvimento funcional dos mais diversos artefactos tecnológicos de comunicação pessoal (TCP), entre os quais destacamos o uso da agenda, permitindo a calendarização e programação das várias tarefas quotidianas. Não deixa de ser bem paradigmático desta grande fluidez a metáfora de Zygmunt Bauman (1988/2002a; 2000/2002b), quando fala na *modernidade líquida*, dando guarida à grande volatilidade dos valores e normas. Na função “agenda” incluímos necessariamente o uso do calendário e relógio e toda uma vasta panóplia de outras funções.

Como sugere numa outra obra Zygmunt Bauman (2002b), uma das maiores características das sociedades contemporâneas é precisamente o seu forte carácter dual e ambivalente. É este o contexto mais amplo, no qual o ator se vê rodeado de potenciais novas fontes de incerteza, em particular relacionadas com o forte aparato tecnológico, contribuindo desta forma para o esbatimento entre esfera pública e domínio privado, que se pode traduzir em novas oportunidades e/ou constrangimentos.



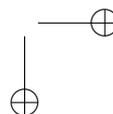
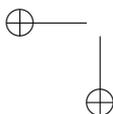


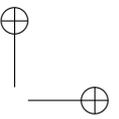
Considerando os usos do telemóvel/smartphone, percebe-se que este introduziu profundas alterações na atividade quotidiana. Por conseguinte, quando se fala no uso deste dispositivo lembramo-nos do estabelecimento de ligações com os amigos, familiares ou colegas de trabalho, numa lógica em que estamos permanentemente contactáveis. Todavia, com a complexificação funcional da tecnologia, o próprio papel que esta desempenha na atividade quotidiana tem sido objeto de substanciais alterações.

A simples utilização do telemóvel/smartphone como relógio e agenda contribui para a redução do uso do relógio como tradicionalmente o conhecemos. Contudo, atendendo ao processo histórico, a partir de uma perspetiva da tecnologia, podemos considerar a invenção do relógio, ou melhor, a contagem do tempo, como uma verdadeira revolução no modo como as populações se organizam e as diferentes atividades diárias.

No passado, nas sociedades eminentemente rurais, o tempo e o espaço andavam de mão-dada, ou, por outras palavras, qualquer referência temporal estava associada a uma determinada tarefa quotidiana. Pelo menos, é este o ponto de partida de Anthony Giddens (2005: 12-14), que estabelece como marco histórico a invenção do relógio. Para este autor “o relógio exprimia uma dimensão uniforme de tempo “vazio”, quantificado de uma maneira que permitia a designação exata das “zonas” do dia (isto é, do dia de trabalho)” (2005: 12 aspas e parêntesis do original). Paralelamente, e de forma progressiva, assistiu-se à unificação dos calendários bem como do estipular de fusos horários à escala planetária. A jusante deste processo assiste-se, grosso modo, ao “esvaziamento do espaço” por via da crescente disjunção entre lugar e espaço. Sendo o “lugar” entendido como referência ao local — ao espaço físico da atividade — assiste-se, com o dealbar da modernidade, a uma crescente influência de impulsos informacionais com origem muito diversa e distante. Um caso bem paradigmático são os horários dos transportes público, que definem previamente o tempo e o espaço.

No plano das implicações práticas de todo este processo está uma contínua intensificação do ritmo da vida quotidiana. Por outras palavras, diríamos que não está aqui em causa a utilização do relógio enquanto objeto material. No centro dos nossos esforços analíticos está, fundamentalmente, perspetivar o modo como os atores, na sua *durée* quotidiana, procedem no uso do smartphone, tanto em espaço público como privado. Pressupomos, para este efeito, que as dinâmicas diárias passam por importantes rotinas que, de acordo





Tempo e espaço como reconfiguradores das noções de público e privado 131

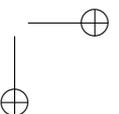
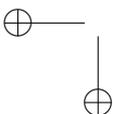
com José Machado Pais, devem ser entendidas como a “(...)prevalência de determinadas formas de conduta sustentadas por uma «segurança ontológica», isto é, por uma confiança ou certeza de que a realidade é o que ela aparenta ser” (Pais, 2007: 31 aspas do original).

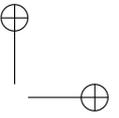
Numa fase em que assistimos a um forte incremento do uso dos mais diversos artefactos tecnológicos, mormente aqueles relacionados com a troca e partilha de informação (TCP), e em particular os dispositivos móveis de comunicação, verificamos também que essa frenética circulação de informação tem promovido o conhecimento à escala global, ainda que de forma assimétrica. Esta intensificação da transmissão de informação tem potenciado um maior conhecimento dos riscos e, conseqüentemente, contribuído para a alteração e organização das mais diversas atividades quotidianas. Pese embora o facto de as possibilidades tecnológicas abrirem novas oportunidades, a verdade é que a intensificação do ritmo quotidiano é uma marca, sobretudo dos meios eminentemente urbanos. É precisamente nesta linha que Mariana (23 anos) discorre sobre o papel do telemóvel no seu quotidiano:

“Acho que é importante e... para mim é importante, mas vejo pelo meu dia-a-dia, até porque trabalho em telecomunicações e como lido todos os dias com pessoas que usam telemóvel, que há gente que não vive sem telemóvel, ficar sem telemóvel é um drama. Para mim é importante mas reconheço que há pessoas para as quais é ainda mais importante”.¹¹

Nestas palavras fica patente a ubiquidade do telemóvel/smartphone, ele está ou deve estar permanentemente por perto. É esta característica que é mencionada nos seguintes termos “em tudo. Neste momento em tudo. Não só em poder falar mas em outros serviços. Vida pessoal, vida profissional”. Fica clara a relevância do telemóvel, quer no domínio das responsabilidades privadas, como a família, quer públicas, como o trabalho. Desta forma, o telemóvel é colocado no centro de uma mudança que impele à intensificação do ritmo dos ciclos quotidianos, sobretudo em meio eminentemente urbano, mas não só. Não será por acaso que José Machado Pais nos fala da passagem histórica do paradigma da lentidão para o paradigma do encontrão, descrevendo este

¹¹ Excerto retirado do relatório do Focus Group, realizado no âmbito do projeto “Público e Privado nas Comunicações Móveis”.



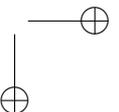
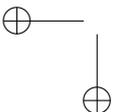


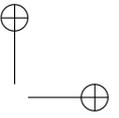
último como um domínio em que “vivemos sob a pressão da *imediatez* (Tomlinson 2007, 72-93), conceito conotável com o da cultura da instantaneidade, proximidade e comunicabilidade tecnológica” (2010: 30 e 32 *itálico do original*). Estamos, com efeito, no patamar em que devemos considerar o uso das tecnologias na atividade quotidiana, muito particularmente o do telemóvel, atribuindo-lhe relevância central na coordenação do tempo e espaço e no modo como estas duas dimensões são objeto de reconfiguração e recombinação.

Nesta linha de raciocínio, Scott Campbell (2008) faz uso de um estudo levado a cabo por Ling e Yttri (2004), na Noruega, em que estes autores elaboram uma categorização sobre os tipos de usos, e na qual destacam três grandes grupos: uso por segurança, uso instrumental e uso expressivo. Grosso modo, o que o autor pretende é contribuir com um esboço para o perfil sociodemográfico dos diversos usos que os utilizadores dão ao telemóvel como ferramenta do seu dia-a-dia e as suas motivações. Para este autor, nos jovens, adolescentes e jovens adultos, podemos encontrar um tipo de uso fundamentalmente expressivo, em que a função comunicacional é primordial, com intuito de estabelecer quase em permanência contactos relacionais. Neste tipo de utilizadores verifica-se um forte investimento emocional e afetivo nos relacionamentos interpessoais, com o *smartphone* a desempenhar papel charneira na sua mediação e promoção.

Uma segunda categoria reúne utilizadores que se encontram em transição para a vida adulta e os que já se lá encontram, mas que preenchem o seu quotidiano com diversas tarefas — profissionais e relacionadas, por exemplo, com responsabilidades parentais. Neste tipo de *uso instrumental*, encontramos um grupo heterógeno, quer seja em termos etários, quer seja no que toca à ocupação profissional. Indo ao encontro do próprio trabalho de Richard Ling e Birgitte Yttri (2008), é evidente como os autores frisam que é precisamente nesta categoria que encontramos os atores que se servem primariamente do telemóvel para realizarem a *coordenação* das diferentes tarefas quotidianas. Fazer compras *online*, estabelecer contactos enquanto se deslocam do local de trabalho para casa e de seguida verificarem atividades sociais que marcaram com familiares e/ou amigos, são exemplos claros deste uso.

Finalmente o terceiro grupo, é designado pelos autores como aquele em que o principal uso é o de segurança, e que tem nos mais idosos a sua categoria modal. O telemóvel é percebido por estes como uma ferramenta que



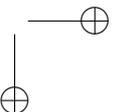
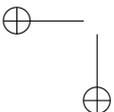


possibilita uma permanente sensação de segurança. Para este grupo, a vulnerabilidade parece ser uma componente importante da sua condição social. Como estratégia de mitigar o sentimento de insegurança, resultado da condição social desqualificada da “velhice”, recorrem em muitas situações a este dispositivo.

O valor de usabilidade do telemóvel, enquanto artefacto tecnológico perfeitamente integrado na atividade quotidiana, encerra uma simbologia algo variável. Pese embora o facto de estes modelos apresentarem relevância no estudo da utilização do telemóvel, não deixam de ser notórias as limitações desta tipificação, mormente ao ignorarem variáveis tão relevantes como o género ou a classe social de pertença. Mesmo partindo desta plataforma modelística, há questões que se podem colocar desde logo e que se prendem com a maior ou menor propensão de determinado sexo se enquadrar num dos modelos. Em termos classistas, há variabilidade ao longo dos modelos? E a montante desta questão, em que medida há variações significativas na posse e uso do telemóvel?

Feitas estas críticas, importa-nos equacionar as linhas mestras que são transversais aos três modelos de usabilidade do telemóvel. A primeira diz respeito ao recorrente uso expressivo e que tem como foco central motivações externas, isto é, impulsos de projeção do “eu”. No fundo, o modelo relacional postula um uso do telemóvel sobretudo como ferramenta de contacto, seja com amigos ou familiares. Nesta linha, e corroborando esta ideia, Simona Isabella (2009) chama a atenção para o facto de o telemóvel ser visto, entre os adolescentes, como uma forma de autonomização das relações pessoais mais íntimas, “fugindo”, deste modo, ao controlo parental. No entanto, nos antípodas desta posição há também a perceção do telemóvel/smartphone como um potencial instrumento de controlo e vigilância, tal como é constatado por J. P. (21 anos):

“Por exemplo, sabemos que uma pessoa nos liga a uma determinada hora, o exemplo da minha mãe, que eu não estudo cá, costuma me ligar sempre depois do jantar, se eu tiver por exemplo a meio de uma conversa importante ou assim, sei que ela não fica preocupada se eu não atender, que lhe ligo depois, mas se for por exemplo outra pessoa que não esteja à espera, pode ser alguma



coisa importante, atendo. Sou capaz de interromper o que estava a fazer para atender”.¹²

Também H. (20 anos), ao reportar-se à sua experiência, identifica o telemóvel como um potencial mecanismo de controlo, nomeadamente parental: “Isso talvez seja a situação mais prejudicial que eu pelo menos sinto, também estudo fora, se não atender o telefone à minha mãe durante uma noite inteira, ou porque fiquei sem bateria, então isso aí já é o fim do mundo”.¹³

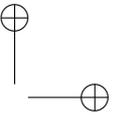
Esta premissa levanta o véu acerca do papel das tecnologias no exercício do controlo social em particular do controlo parental. Contudo, o que acontece não é mais do que a possibilidade dos jovens terem um meio que lhes permita promover e fortalecer a rede de sociabilidade externa, contornando esse mesmo controlo. É precisamente nesta linha que destacar-se-á o papel dos dispositivos móveis, na promoção de uma maior fluidez relacional, quer seja mediada, quer seja em copresença. Deste ponto de vista, o smartphone e os dispositivos móveis de comunicação em geral, podem promover a autonomização dos jovens adolescentes, como fica patente nas palavras de AG (16 anos) “Talvez. As mensagens talvez sejam mais adequadas quando me ligam. Os meus pais às vezes ficam incomodados porque eu posso passar horas a falar com um colega em questão. E a escrever mensagens não incomoda tanto porque como não estão a ouvir ou a ver o que estou a fazer, depois não os incomoda tanto”. Desta forma, ganham autonomia na gestão quotidiana dos contactos e interações, podendo por exemplo prolongar conversas muito além do espaço e horário escolares. Por outro lado, o reverso da moeda implica, por exemplo, um potencial reforço do controlo parental, que prescinde da presença física e vai muito para além do domicílio como é referido pela mesma adolescente: “não, às vezes a minha mãe pode-me ligar à hora de almoço. Quando o meu pai está fora, o meu pai costuma-me ligar sempre a perguntar como eu estou. E quando eu não atendo, pergunta-me porque é que eu não atendi o telemóvel quando costumo andar com ele”.¹⁴

Em segundo lugar, surge o telemóvel/smartphone na sua vertente de “segurança”, assumindo-se com grande relevo no dia-a-dia. Por outras palavras, estamos-nos a referir a um vasto domínio simbólico onde o telemóvel é en-

¹² Excerto retirado do relatório do Focus Group.

¹³ Excerto retirado do relatório do Focus Group.

¹⁴ Excerto extraído do *Focus Group* dos Adolescentes Misto.

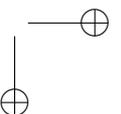
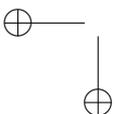


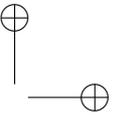
Tempo e espaço como reconfiguradores das noções de público e privado 135

carado como um instrumento que transmite segurança. Em termos etários e de acordo com o já referido trabalho de Scott Campbell (2008), encontramos sobretudo adultos e idosos que percebem o uso do telemóvel como um meio de comunicar em caso de urgência. Este é com efeito um domínio em que o valor de usabilidade do dispositivo móvel assenta numa forte percepção do risco. E de um tipo de risco particular, aquele que tem origem exterior, que coloca este tipo de usabilidade nos antípodas do modelo anterior, em que o uso se faz sobretudo por motivações internas — de se fazer publicitar, no fundo adquirir visibilidade (Innerarity, 2009). É certo que o(s) uso(s) que se fazem do telemóvel são eminentemente procedimentos individuais, movidos por motivações pessoais, todavia, o manuseamento do telemóvel/smartphone não escapa a uma forte tendência de padronização, própria da atividade rotineira do quotidiano.

Reforçando o papel que o smartphone tem no dia-a-dia dos cidadãos, podemos considerar também uma forte ritualização. Esta é, com efeito, uma linha contínua, que atravessa transversalmente os vários valores de usabilidade que os atores colocam no manuseamento quotidiano do telemóvel. Esta ideia encaixa na premissa de Erving Goffman (1971/2010: 71) que considera que existe ritualização, mesmo não existindo copresença entre atores: “It is apparent that a precondition for the performance of supportive ritual is that the giver and receiver be in contact, whether face-to-face or mediated. No contact, no interpersonal ritual”. Como foi possível apreender, tanto em sede de entrevista como nos diferentes *focus group*, os dispositivos móveis apresentam um uso transversal aos diferentes contextos quotidianos: escolar, profissional, domiciliário e até em circunstâncias de conversas entre amigos. Nesta medida, o smartphone apresenta-se como um instrumento, um acessório, que está constantemente presente nas rotinas diárias, marcando desde logo o acordar (função de alarme).

Fica desta forma evidente a relação que existe entre os usos do telemóvel no quotidiano e a própria rotinização desses usos. Como refere José Machado Pais (2006: 52), a “rotinização da acção representa para Giddens a dimensão fundamental que garante a estabilidade da regionalização. O sociólogo considera que as trajetórias quotidianas se repetem de dia para dia estabelecendo-se uma continuidade determinada pela reversibilidade do tempo”. Desta forma, o controlo e gestão do tempo e da agenda via telemóvel assumem-se como um





caso paradigmático da tentativa do controlo do tempo, com vista a diminuir a incerteza que penetra na vida quotidiana.

Contudo, este é um dos lados da moeda, que também tem o seu reverso. O que queremos frisar é essencialmente a componente disfuncional e disruptiva que a utilização do telemóvel (ou qualquer outro dispositivo de comunicação móvel) pode ter no estabelecimento e prossecução de um qualquer processo comunicativo, como é o exemplo paradigmático de uma conversação em copresença, que é interrompida por uma chamada telefónica. Nesta linha de raciocínio, Lee Humphreys (2005: 814) alega que:

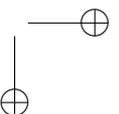
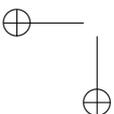
“As opposed to a third person physically approaching a With, a ringing cellphone indicates a third person intruding upon a With. Rather than physically approaching the dyad, a cellphone call to a person engaged in a face-to-face interaction may lead to social anxiety on the part of the person left out of the phone interaction. During this stage people engage in a number of self-defense mechanisms to alleviate the anxiety and vulnerability of suddenly becoming a Single and feeling left out”.

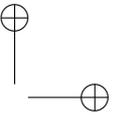
A título ilustrativo, podemos estar perante dois atores que, nesse preciso momento e independentemente das circunstâncias, se encontrem numa conversa em copresença. Todavia, esta interação é abruptamente interrompida por uma chamada telefónica, tal como pudemos apurar em entrevista a S.S. (32 anos), que descreve o modo como costuma gerir este tipo de situações:

“É assim se for uma situação rápida acho que não há problema, se a gente souber que vai ser uma coisa pontual e uma coisa rápida, agora estar muito tempo acho que é um bocadinho falta de respeito em relação aos outros, eu falo por mim, porque eu também não gosto de fazer isso, mas às vezes também faço, infelizmente”.¹⁵

Embora esta seja uma hipotética situação quotidiana, ela tem o condão de nos transportar para possíveis situações de múltiplos e diversificados constrangimentos, difíceis de compreender e de perceber.

¹⁵ Excerto retirado do relatório de entrevista individual.





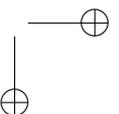
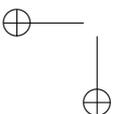
Considerações Finais

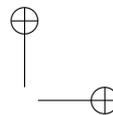
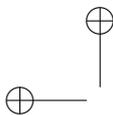
O uso dos mais variados dispositivos móveis de comunicação tem vindo a sofrer, ao longo da última década, um forte incremento. Se considerados os casos do telemóvel e smartphone, torna-se fácil reconhecer a utilização destes pelos mais diversos grupos sociais, etários e profissionais. Aliás, a presente pesquisa, partindo da categorização do uso do telemóvel/smartphone, tinha como ensejo a discussão das noções de público e privado e o modo como estas são objeto de renegociação e reconfiguração no quotidiano das sociedades contemporâneas.

A dimensão quotidiana, ou melhor, a perspetiva e os significados que os atores colocam no seu dia-a-dia, têm no plano analítico um papel ilustrador, que fica claro através dos excertos das entrevistas e dos *focus group*, e que nos permitem ter uma visão empírica da unidade social em estudo. Esta é, com efeito, uma pesquisa que tenta articular um impulso inicial de carácter eminentemente ensaístico para, posteriormente, o complementar e ilustrar com a apresentação de algumas situações concretas, permitindo, deste modo, um aprofundamento, que de outra forma não seria possível.

Por conseguinte, a crescente penetração de dispositivos móveis entre as mais diversas categorias sociais permitiu uma forte democratização e diversificação dos fluxos comunicacionais. Se, no advento da modernidade, assistimos ao “esvaziamento” do espaço e do tempo, nas sociedades contemporâneas o que se assiste, muito por força do forte incremento tecnológico, é a uma extrema sobreposição do tempo e do espaço. Há, desta forma, na comunicação móvel, um potencial até aqui sem réplica, em que as práticas sociais são transportadas em fluxo contínuo para os domínios tanto público como privado. Isto acontece muito por força da portabilidade da própria comunicação oriunda dos dispositivos móveis.

Existe, assim, um potencial “destruidor” das coordenadas tempo e espaço. Esta reconfiguração das “velhas” dimensões ocorre num pano de fundo, em que já não estamos perante duas dimensões “vazias”, mas assumindo crescentemente formas diversas, como no caso da televisão em meados do século XX (Meyrowitz, 1986). Esta alteração implica mudanças do ponto de vista daquilo que no quotidiano é comum se deter como privado ou íntimo. Quando Meyrowitz (1986) teorizou tinha como referencial o advento da era eletrónica e com ela a massificação de meios como a televisão. Desta forma, estavam



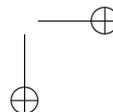
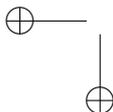


criadas as condições, para que se assistisse a uma significativa sobreposição do tempo e do espaço, que levaria em última instância a mudanças no acesso a maiores e diferentes audiências.

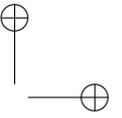
Nesta fase, a definição entre aquilo que se convencionou como esfera privada e o domínio público processava-se ainda de forma minimamente clara. Contudo, com a proliferação dos dispositivos móveis de comunicação, o que se tem observado é uma crescente imbricação no modo como, no quotidiano, os atores negociam a sua intimidade. O que podemos notar, através dos dados empíricos coletados, permite-nos sublinhar a existência de uma forte sobreposição no que concerne ao uso do smartphone tanto em contexto público, como privado. Até mesmo em circunstâncias em que domina o modelo relacional, observa-se uma intensa utilização em contextos e circunstâncias de carácter eminentemente público, em que o controlo sobre a putativa audiência é francamente menor. Com efeito, fazemos das palavras de Manuel Castells et al (2009: 223) as nossas: “portanto, a comunicação sem fios não elimina o espaço. Redefine o significado de lugar, como sendo qualquer local a partir do qual qualquer pessoa escolhe comunicar, ainda que muitas vezes estes locais sejam a casa ou o trabalho”.

Bibliografia

- Bauman, Z. (2002a). *Modernidade e Ambivalência* (I. Narciso Trad.). Lisboa: Relógio D'Água Editores (Obra originalmente publicada 1988).
- Bauman, Z. (2002b). *Modernidad Liquida*. (M. Rosenberg Trad.) Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina (Obra originalmente publicada 2000).
- Beck, U. (2000). A reinvenção da política, in U. Beck; A. Giddens & S. Lash, Scott (Org.). *Modernização Reflexiva: política, tradição, e estética no mundo moderno*, (pp. 1-51). Oeiras: Celta Editora (Obra originalmente publicada 1994).
- Beck, U.; Giddens, A. & Lash, S. (2000). *Modernização Reflexiva: política, tradição, e estética no mundo moderno*. (A. Augusto Trad.). Oeiras: Celta Editora (Obra originalmente publicada 1994).



- Beck, U. (2006). *La Sociedad del Riesgo Hacia una Nueva Modernidad* (J. Navarro, D. Jiménez & M^a R. Borrás Trad.). Barcelona: Paidós Surcos25 (Obra originalmente publicada 1986).
- Campbell, S. (2008). Mobile Technology and the Body: Apparageist, Fashion, and Function, in J. Katz (Edit.). *Handbook of Mobile Communication Studies*, (pp. 153-164). Cambridge, Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology.
- Castells, M.; Fernández-Ardèvol, M.; Qiu, J.L. & Sey, A. (2009). *Comunicação Móvel e Sociedade. Um Perspectiva Global*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Carmo, R.M. (2006). *Contributos para Uma Sociologia do Espaço-Tempo*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (2005). *As Consequências da Modernidade* (4^aEdição) (F. L. Machado & M. M. Rocha Trad.). Oeiras: Celta Editora (Obra originalmente publicada 1990).
- Goffman, E. (1993). *A Apresentação do eu na Vida de Todos os Dias* (M. S. Pereira Trad.). Lisboa: Relógio D'Água Editores (Obra originalmente publicada 1959).
- Goffman, E. (2010). *Relations in Public. Microstudies of the Public Order*. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers (Obra originalmente publicada 1971).
- Isabella, S. (2009). Mobile Phone: users practices and innovations between public and private sphere. *Cost 298 Conference*. Ljubjana: Eslovénia.
- Innerarity, D. (2009). *A Sociedade Invisível* (M. Ruas Trad.). Lisboa: Teorema (Obra originalmente publicada 2004).
- Katz, J. & Aakhus, M. (2002). *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. New York: Cambridge University Press.
- Laureano, R.M.S. (2011). *Testes de Hipóteses com SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.



- Ling, R.S. (2008). The Mediation of Ritual Interaction via the Mobile Telephone, in J. Katz (Edit.). *Handbook of Mobile Communication Studies*, (pp. 165-176). Cambridge, Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology.
- Ling, R.S. & Yttri, B. (2008). Hyper-coordination via mobile phones in Norway, in J. Katz (Edit.). *Handbook of Mobile Communication Studies*, (pp. 139-169). Cambridge, Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology.
- Meyrowitz, J. (1986). *No sense of place: The Impact of Electronic Media on Social Behaviour*. New York: Oxford University.
- Pais, J.M. (2007). *Sociologia da Vida Quotidiana* (3ª Edição). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais-ICS (Obra originalmente publicada 2002).
- Pais, J.M. (2010). *Lufa-Lufa Quotidiana. Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais-ICS.
- Prior, H. & Sousa, J.C. (2014). A mudança estrutural do Público e do Privado, in *Observatorio (OBS*) Journal*, vol. 8, nº 3: 001-016.

